

**ATYPICAL: NEURODIVERSIDADE E PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE****ATYPICAL: NEURODIVERSIDAD Y LAS PEDAGOGÍAS DE LA
SEXUALIDAD****ATYPICAL: NEURODIVERSITY AND SEXUALITY PEDAGOGIES**

Pâmela Suelen Gama da Cruz¹

Helena Altmann²

RESUMO

Por meio da análise fílmica da série *Atypical*, produzida pela Netflix, este trabalho tem o intuito de indagar como as particularidades do personagem autista Sam Gardner, em relação a sua sexualidade e forma de socializar-se, podem nos trazer reflexões sobre o alcance das pedagogias da sexualidade nas relações sociais. Sam compartilha as angústias de viver em uma sociedade capacitista e as dificuldades para assimilar as regras sociais que permeiam a criação de laços afetivos. A partir do entendimento das pedagogias da sexualidade enquanto processo de disciplinamento dos corpos, mediante práticas discursivas e não-discursivas, conclui-se que a constituição de laços afetivos é permeada por um regime que busca normatizar condutas. Assim sendo, a não reprodução das imposições sociais acabam por gerar a patologização de singularidades. Portanto, ressalta-se a relevância do movimento da neurodiversidade em prol da fluidez de corpos e experiências tidas como abjetas e, por isto, marginalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Sexualidade. Neurodiversidade. Análise fílmica.

RESUMEN

A través del análisis fílmico de la serie *Atypical*, producida por Netflix, este trabajo pretende indagar cómo las particularidades del personaje autista Sam Gardner, en relación a su sexualidad y forma de socializar, pueden traernos reflexiones sobre el

¹ Mestranda em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

² Professora associada (livre docente) da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

alcance de las pedagogías de la sexualidad en relaciones sociales. Sam comparte las ansiedades de vivir en una sociedad capacitista y las dificultades para asimilar las reglas sociales que impregnan la creación de vínculos afectivos. Desde la comprensión de las pedagogías de la sexualidad como el proceso disciplinador de los cuerpos, a través de prácticas discursivas y no discursivas, se concluye que la constitución de los lazos afectivos está permeada por un régimen que busca estandarizar las conductas. Por tanto, la no reproducción de las imposiciones sociales acaba generando la patologización de las singularidades. Por tanto, se enfatiza la relevancia del movimiento de la neurodiversidad a favor de la fluidez de cuerpos y experiencias consideradas abyectas y, por tanto, marginadas.

PALABRAS-CLAVE: Autismo. Sexualidad. Neurodiversidad. Análisis cinematográfico.

ABSTRACT

Through the film analysis of the Atypical series, produced by Netflix, this work aims to inquire how the particularities of the autistic character Sam Gardner, in relation to his sexuality and way of socializing, can bring us reflections on the reach of pedagogies of sexuality in social relationships. Sam shares the anxieties of living in a capacitist society and the difficulties in assimilating the social rules that permeate the creation of affective bonds. From the understanding of sexuality pedagogies as the disciplining process of bodies, through discursive and non-discursive practices, it is concluded that the constitution of affective bonds is permeated by a regime that seeks to standardize conduct. Thus, the non-reproduction of social impositions ends up generating the pathologization of singularities. Therefore, the relevance of the movement of neurodiversity in favor of the fluidity of bodies and experiences considered abject and, therefore, marginalized, is emphasized.

KEYWORDS: Autism. Sexuality. Neurodiversity. Film analysis.

* * *

Introdução

Na última década, a programação da TV aberta e as empresas de serviços de telecomunicação vêm concorrendo à atenção dos espectadores com as plataformas de *streaming* como a Netflix, Amazon Prime Vídeo, Globoplay, entre outras. Se antes o consumo de produções audiovisuais ocorria na sala de casa, reunindo família e amigos mediante filmes alugados em videolocadoras, agora a sociedade contemporânea conta com instrumentos mais velozes, práticos e individualizados: notebooks, celulares e tablets. A contratação de uma plataforma que disponibiliza diversos filmes, séries, documentários e shows em seu catálogo, vem ganhando cada vez mais o coração dos consumidores. Além disso, podemos observar que as plataformas de *streaming* têm

dados mais visibilidade para produções independentes e outros estúdios de cinema que acabam fugindo do clichê hollywoodiano. Assim sendo, empresas como a Netflix vêm nos últimos anos produzindo seu próprio conteúdo, tornando seus catálogos muito mais diversos.

Considerando que as plataformas de *streaming* se popularizaram no século XXI, podemos trazer à tona características que mantiveram-se ao longo das décadas iniciais do mundo cinematográfico. De acordo com Guacira Lopes Louro (2020), o início do século XX é marcado pela chegada do cinema no Brasil, apresentando-se *a priori* como um evento social ligado especialmente ao lazer ou mesmo a uma nova pedagogia cultural. Estando na linha tênue entre a realidade e a ficção, as produções cinematográficas começam a trazer para as telas representações culturais com seus inúmeros estereótipos, tornando o cinema uma ferramenta que reitera valores socialmente construídos. A declaração da existência de campos pedagógicos além do muro das escolas pode causar um estranhamento *a priori*, isso porque muitas vezes associamos a ideia de educação somente à instituição escolar. Contudo, existem outros espaços considerados produtores de conhecimento, mesmo que aparentemente tenham o caráter de lazer (SABAT, 2001).

Sendo assim, o presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado e tem como desígnio a realização de uma análise fílmica acerca da produção audiovisual norte-americana *Atypical*³, lançada no ano de 2017 pela plataforma de *streaming* Netflix⁴. Tendo como *showrunner* a norte-americana Robia Sara Rashid, também conhecida por produzir a *sitcom* *How I Met Your Mother*, a série *Atypical* relata a história de Sam Gardner (Keir Gilchrist), um adolescente diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Prestes a completar dezoito anos, Sam busca sua independência, compartilhando as angústias de passar pelo ensino médio e as dificuldades que vivencia em uma sociedade capacitista.

³ É importante destacar que a série possui caráter ficcional e que o protagonista da série, Sam Gardner, é um ator neurotípico. Portanto, não possui diagnóstico do TEA. Declaro aqui meu apoio: embora o autismo venha sendo cada vez mais discutido, é de suma importância que as pessoas neurodiversas possam participar de produções fílmicas. Ainda que o papel do personagem seja interpretado sensivelmente pelo ator Keir Gilchrist, a exclusão de pessoas com deficiência no universo cinematográfico é um reflexo de nossa cultura capacitista, que insiste na invisibilização deles.

⁴ Criados por Reed Hastings e Marc Randolph em 1997, a Netflix, em seu primeiro ano, oferecia a oportunidade de aluguel e venda de DVDs em seu site. Posteriormente, foi desenvolvido um serviço de assinatura que possibilitava o aluguel de DVDs de modo ilimitado. O serviço de streaming foi lançado em 2007, logo após atingirem a marca de cinco milhões de assinantes. Em 2010, o serviço amplia-se para os aparelhos móveis e é lançado na América Latina em 2011, expandindo-se para mais de 190 países e 21 idiomas. Atualmente, a Netflix superou a marca de 200 milhões de assinantes (NETFLIX, 2020).

Com um toque de comédia e muita sensibilidade, é possível acompanhar Sam em busca de um relacionamento, demonstrando o seu desejo amoroso e sexual, bem como observar o quanto sua sexualidade é invisibilizada e estigmatizada pela sua família e pela sociedade. Mergulhado em dúvidas, receios e novidades, nota-se que Sam conta apenas com o apoio de sua irmã, Casey (Brigitte Lundy-Paine); sua terapeuta, Julia (Amy Okuda); e seu amigo, Zahid (Nik Dodani). A série relata a maneira que Sam enxerga e vive a sua sexualidade, tentando compreender regras sociais que acabam marginalizando o seu modo de ser, devido à não-adesão ao modelo socialmente imposto, proporcionando a nós a possibilidade de refletir sobre o impacto da cultura no indivíduo.

Entretanto, concomitantemente às singelas conquistas que Sam vai obtendo em busca de sua autonomia, é possível observarmos o reflexo de tais mudanças em sua família. Sua mãe, Elsa (Jennifer Jason Leigh), possui atitudes superprotetoras que impedem Sam de explorar sua vida e de relacionar-se com outras pessoas. Na contramão de Elsa, podemos ver o pai de Sam, Doug (Michael Rapaport), demonstrando as dificuldades de adaptação e aceitação que teve desde o diagnóstico de seu filho, bem como os minuciosos avanços que vem obtendo ao construir uma relação com Sam.

À vista disso, a série vem mostrando, mediante uma abordagem leve, o que é o autismo — categorizado pela primeira vez em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner, em seu trabalho intitulado *Autistic disturbances of affective contact*. Ainda que oito décadas tenham se passado desde a publicação, a descrição do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na principal referência de diagnósticos em saúde mental é tão atual quanto as elencadas pelo psiquiatra. De acordo com a quinta e última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), os critérios diagnósticos do TEA são:

Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos (...) Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (...) Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50).

Os critérios diagnósticos elencados acima nos auxiliarão na análise das cenas de *Atypical* separadas para debate neste ensaio, pois a partir deles observaremos o quanto as diferenças nas interações sociais entre neurotípicos (pessoas não-autistas) e neurodiversos passam a fazer parte de uma gestão das relações afetivas. Assim sendo, ressalta-se que defendemos a ótica do movimento da neurodiversidade, compreendendo-a enquanto a identificação de indivíduos que se consideram neurologicamente diferentes, comumente autistas. De acordo com Ortega (2008), o termo neurodiversidade foi criado em 1999, pela socióloga australiana e autista Judy Singer. O conceito defende que a neurodiversidade não é uma doença a ser diagnosticada e tratada, mas sim uma diferença humana, assim como gênero, raça, classe, etnia, idade, capacidade etc (ORTEGA, 2008).

Frente a isso, o arcabouço metodológico deste trabalho considera a potencialidade da série enquanto produtora de conhecimento e, portanto, seu caráter pedagógico, pois, para além das imagens fílmicas, estamos inseridos em um contexto cultural que profere inúmeros discursos acerca das diferenças. As produções fílmicas têm a capacidade de influenciar diretamente na constituição da identidade dos indivíduos, servindo muitas vezes como um modelo a ser seguido, mostrando o jeito tido como certo de se comportar. Portanto, possuem caráter pedagógico ao utilizar de apetrechos culturais para a formação de indivíduos.

Se o século XX foi marcado com a chegada das salas de cinema, o século XXI inicia-se trazendo mais acessibilidade em relação às produções fílmicas, oferecendo inúmeros serviços que podem ser acessados em televisões, notebooks, smartphones e tablets. Dados indicam que no ano de 2019, a Netflix atingiu o marco de 158 milhões de assinantes (CAPELAS, 2019). Ressalta-se que dentre os espectadores e assinantes de serviços de *streaming*, encontram-se professores(as), gestores(as), profissionais da saúde, familiares, amigos(as) de autistas e os próprios(as) autistas. Portanto, além de trazer o aspecto da representatividade, a série possibilita a abertura de debates sobre os temas abordados, além de despertar a curiosidade e quebrar estereótipos socialmente construídos.

O pontapé inicial para esta análise fílmica contou com a provocação de Trevisan (2019) ao questionar-se e nos indagar: “será possível conhecer uma sociedade lendo as imagens que ela cria? Ou antes, só é possível conhecer algo sobre as imagens conhecendo-se a sociedade na qual elas são criadas?” (p. 114). Frente a isso, temos a possibilidade de olhar para as produções culturais de nosso tempo e refletir sobre as

aproximações e distanciamentos existentes entre elas e nossa sociedade. Afinal, o mundo cinematográfico é construído por sujeitos inseridos *na* sociedade, produzindo *para* a sociedade.

Ainda que de modo incipiente, as pesquisas e debates sobre autismo e sexualidade vêm ganhando espaço tanto na academia, quanto em redes sociais e produções cinematográficas. Os trabalhos realizados no Brasil nos últimos anos vêm trazendo a perspectiva de pais, mães, cuidadores(as) e professores(as) sobre o modo pelo qual autistas compreendem e demonstram a sua sexualidade. Entretanto, tem-se mostrado frequente, nos discursos, reações como: incompreensão e/ou não adesão às regras sociais; assexualidade; hipersexualidade; dificuldade em abordar o tema, tanto para os autistas como para seu círculo social e familiar (ANTONUCCI, 2005; DE TILIO, 2017; VIEIRA, MAIA, 2015).

Assim sendo, este ensaio tem o intuito de observar, nas cenas aqui apresentadas, a abordagem da série em relação à sexualidade dos autistas, a fim de indagar como a singularidade sexual e social de Sam Gardner (Keir Gilchrist) pode nos trazer reflexões sobre o alcance das pedagogias da sexualidade nas relações sociais.

Questões teóricas-metodológicas

Pontua-se que o autismo se enquadra na categoria de deficiência psicossocial, sendo compreendida, enquanto aspecto da saúde mental, assemelhando-se de deficiências psicossociais como, por exemplo, transtorno bipolar, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, esquizofrenia. Então, ressalta-se a relevância da interlocução entre a neurodiversidade e o campo de estudos denominado *Disability Studies* (Estudos sobre Deficiência), que teve seu surgimento em 1970. De acordo com os Estudos sobre Deficiência, compreende-se como deficiência modos de opressão assim como os marcadores sociais de gênero, raça, etnia, nacionalidade, religião, idade etc (DINIZ, 2007). Em um debate sobre o tema, Mello e Nuernberg (2012) pontuam que “as experiências de opressão vivenciadas pelas pessoas com deficiência não estão na lesão corporal, mas na estrutura social incapaz de responder à diversidade, à variação corporal humana” (p. 638).

Portanto, enfatizamos que os Estudos sobre Deficiência compreendem que existem duas perspectivas: social e médica. O modelo médico tem como foco o corpo

do indivíduo, ou seja, lida com o diagnóstico, recorrendo a possíveis curas e medicalizações. Proposto por Michael Oliver, o modelo social compreende que, a partir do momento em que o corpo está inserido em uma sociedade e esta possui barreiras (físicas, intelectuais, mentais, sensoriais) que não amparam todas as demandas dos seres humanos, a deficiência não está no corpo, mas sim na interação entre o corpo e o ambiente (MELLO, 2014).

Para refletirmos e desestabilizarmos as práticas normatizadoras que buscam estigmatizar os corpos, declarando a existência de um corpo como “normal” e “ideal”, é importante nos indagarmos sobre o que seria um corpo sem deficiência e por que ele é a norma. Assim sendo, Mello e Nuernberg (2012) salientam que é de suma importância que as pessoas com deficiência tragam para si a perspectiva de que a sexualidade não envolve somente o espaço público, mas principalmente o privado. Ampliar a discussão para o âmbito privado poderá marcar grandes avanços, visto que muitas vezes as pessoas com deficiência são interditadas dentro de sua própria casa pelos seus familiares, amigos(as) ou companheiros(as).

O imaginário social tem em seu âmago a ideia de que as pessoas com deficiência não conseguem desfrutar da sexualidade de modo “normal”. Além disso, restringe o universo da sexualidade somente em aspectos genitais, excluindo completamente a gama de outros elementos que existem. É comum pais e mães relatarem insegurança, medos e dúvidas sobre a sexualidade de seus filhos e filhas, infantilizando-os, colocando-os em uma posição de dependência que impossibilita a vivência plena de sua sexualidade. Ao mesmo tempo, relatam sentir medo de seus filhos e filhas não criarem laços afetivos, não constituírem família e até mesmo de não ter alguém para cuidar deles futuramente (DE TILIO, 2017; VIEIRA, MAIA, 2016). Esses exemplos demonstram o quão incipiente é a discussão sobre a relação entre sexualidade e deficiência, pois muitas vezes a pessoa com deficiência é percebida somente frente às dificuldades sociais, físicas, motoras e psicológicas; como se sua vida emanasse somente pedidos de cuidado e não desejos e vontade de independência.

Frente a isso, consideramos que embora determinadas produções cinematográficas sejam integralmente ou parcialmente de caráter ficcional, elas possibilitam a problematização de diversos temas: dentre eles, a sexualidade. Enquanto telespectadora, é notória a mobilização ocasionada por consideráveis *insights* ao assistir *Atypical*. Mesmo com sua condição ficcional, é possível observar relevantes indagações sobre a interseção entre o autismo, a sociedade e a sexualidade. Chama-nos atenção

especificamente o modo pelo qual a série aborda a sexualidade de Sam em contraste dos demais personagens, expondo como muitas vezes a sociedade acaba por estigmatizar determinadas condutas em prol da manutenção e permanência de uma estrutura que normatiza os modos pelos quais criamos vínculos afetivos e sociais.

Pedagogias culturais e pedagogias da sexualidade

Ao falar acerca do currículo, Silva (2020) ressalta que as fronteiras entre o conhecimento escolar e o conhecimento da cultura de massa têm diminuído no decorrer dos anos. Logo, para os Estudos Culturais, os artefatos culturais como livros, filmes, televisão, artes visuais, música etc., também possuem uma pedagogia, pois tanto a cultura quanto a escola produzem e transformam identidades e subjetividades, influenciando diretamente as práticas sociais (TOURINHO; MARTINS, 2020). Embora tenham a priori o caráter de entretenimento ou perfil informativo, considera-se que tais instrumentos fazem parte da pedagogia cultural, pois estes artefatos influenciam diretamente o comportamento das pessoas por operar como processo educativo. Principalmente se levarmos em conta que a infância e a adolescência são os principais períodos em que os indivíduos têm contato com esses elementos.

O avanço da Internet, o advento das redes sociais e o fácil acesso à informação demonstram a linha tênue entre o conhecimento escolar, da cultura de massa e o conhecimento cotidiano (SILVA, 2020). A indústria cultural acaba por ocupar inúmeros locais em velocidades cada vez maiores, em escala macro e micro. Portanto, possuem cada vez mais acesso à maneira como vemos, sentimos e pensamos sobre questões sociais, culturais, políticas e econômicas (TOURINHO; MARTINS, 2020). Conclui-se que a pedagogia cultural fomenta discussões quotidianas, escapando dos debates normativos existentes dentro das instituições escolares, pois seu caráter aparentemente implícito nos mostra como a educação pode ocorrer de modo involuntário e inesperado.

De acordo com Penafria (2009), todos os comentários sobre uma produção cinematográfica podem ser vistos como uma análise, ainda que sejam emitidos por qualquer espectador, entretanto é necessário diferenciar a análise da crítica. Portanto, frisamos que a análise fílmica é composta por duas etapas: a primeira consiste em decompor o filme ou a série ao descrever suas cenas ou demais informações técnicas; a segunda etapa é o momento em que esses elementos serão interpretados. Entretanto, ainda que sejam elencadas quatro possibilidades de análise, com metodologias que

buscam analisar internamente ou externamente uma produção, utilizaremos a perspectiva da análise de conteúdo, que compreende o filme enquanto relato que pode refletir o mundo exterior (PENAFRIA, 2009), ou seja, seu contexto social, político, estético, cultural etc.

A fim de problematizar os temas trazidos pelas séries de *streaming* e as suas possíveis conexões com o social, este trabalho realiza um recorte sobre as experiências que o personagem Sam vivencia no decorrer da série e ilustra o quanto as relações sociais podem servir como mecanismo regulatório das formas pelas quais externalizamos nossa sexualidade e a existência de regimes normativos que acabam por marginalizar as diferenças, em prol da manutenção e permanência da heterossexualidade compulsória, bem como o caráter compulsório da construção de corporeidades capazes (McRUER, 2006).

O presente ensaio compreende a sexualidade enquanto dispositivo histórico que engloba inúmeras instituições, discursos científicos, morais e filosóficos, e, portanto, presente na pedagogia, religião, medicina e questões sociais (LOURO, 2019; ALTMANN, 2001). A sexualidade é efeito da incitação dos discursos, da estimulação dos corpos e da intensificação dos prazeres, que fazem com que o sujeito reflita sobre seus desejos, sentimentos e condutas (FOUCAULT, 2017; ALTMANN, 2001). Sendo assim, é relevante demarcarmos que essa perspectiva rejeita a tese de que a sexualidade é algo natural, ao ressaltar a sua construção social e, conseqüentemente, seus impactos sociais e políticos. O determinismo biológico defende que todos nós vivemos a sexualidade do mesmo jeito e de que ela permanece imutável no decorrer do tempo (LOURO, 2019). Enquanto dispositivo histórico, a sexualidade é vista como uma invenção social, constituída por regimes de saber-poder, que acabam por criar e moldar o corpo sexuado.

Desde a tenra infância, somos diariamente bombardeados por discursos que buscam definir, regular, condenar e normatizar questões morais, estéticas e higiênicas acerca de nosso corpo, de nossos sentimentos e de nosso comportamento. Frente a isso, somos constantemente convidados a investigar e expressar a nossa sexualidade, investindo nossos corpos de representações sociais acerca do que é ser homem ou mulher.

Para Louro (2019), este fenômeno é conhecido como pedagogia da sexualidade, sendo caracterizado por um processo de escolarização e disciplinamento dos corpos. Quando falamos de pedagogias, é comum pensarmos *a priori* em salas de aula,

conteúdos programáticos e currículos escolares. Entretanto, é importante ressaltarmos que as pedagogias permeiam não somente as salas de aula, mas também ambientes de comum integração social além dos muros institucionais.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc., também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos dissonantes e contraditórios (LOURO, 2019, p. 38).

Portanto, observa-se que a pedagogia da sexualidade ocorre por meio de práticas discursivas e práticas não-discursivas, dentro e fora das salas de aula. O nosso dia a dia é construído por rituais que têm em seu âmago uma pedagogia da sexualidade que ensina onde meninas e meninos devem ir, com quem devem falar, como devem se vestir, se comportar e se sentir, ainda que determinadas coisas não sejam ditas diariamente.

Luz, câmera, ação

Após pontuarmos o modo pelo qual a sexualidade será vista e abordada, é importante salientarmos os critérios diagnósticos contidos na última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) para, a partir disso, observarmos as condutas de Sam e as interpretações das pessoas sobre suas vivências. De acordo com o DSM-V, há no Transtorno do Espectro Autista (TEA),

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.
2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a

ausência de interesse por pares (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50).

A presente citação é invocada apenas por fins de análise, pois compreendemos o autismo enquanto “um conceito, socialmente construído, parte de um sistema classificatório, que designa pessoas que partilham um conjunto de características e experiências comuns” (CAMARGO JR, 2019, s/p). Assim sendo, os pontos elencados pelo manual são vistos como um reflexo dos valores de determinado contexto histórico, que acaba por delimitar os sujeitos considerados normais e anormais, reproduzindo o modelo médico da deficiência, que acredita que o sujeito que excede as normas necessita de intervenções médicas e sociais.

Frente a isso, o pontapé inicial de nosso debate inicia-se já no primeiro episódio de *Atypical*, na cena em que Sam está em uma sessão de psicoterapia com Julia (Amy Okuda), adolescente compartilha seus pensamentos:

Eu sou esquisito. É o que todos dizem. Às vezes não entendo o que os outros querem dizer e acabo me sentindo só, mesmo com outros ao meu redor. Só consigo me sentar e mexer os dedos, que é o meu comportamento autoestimulante. Eu bato uma caneta em um elástico em uma determinada frequência e penso no que nunca poderei fazer, como pesquisar pinguins na Antártida ou ter uma namorada (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017).

O primeiro episódio mostra Sam reproduzindo o discurso de que autistas não possuem uma sexualidade *normal* e, portanto, não são capazes de se relacionar com outras pessoas. Essa informação tem sido encontrada em inúmeras pesquisas, em que a família, docentes, cuidadores(as) e médicos(as) compartilham a ideia de que a sexualidade dos autistas possui traços *anormais*, sendo vistos ora como hipersexuados, ora como assexuais (ANTONUCCI, 2005; MAIA, 2006; DE TILIO, 2017). A compreensão da hipersexualidade é resultado do olhar normativo que a sociedade possui para com os comportamentos dos sujeitos, devido à dificuldade que os autistas possuem de compreender as regras sociais, especificamente as que possuem caráter implícito.

Após a sessão com Julia, o episódio mostra a cena em que a família Gardner está jantando e a mãe, Elsa, pergunta como havia sido a terapia. Sam compartilha que “Julia disse que eu deveria ir atrás e encontrar alguém para transar. Ela não disse transar. Eu disse” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017). A família age de diversos modos: enquanto Elsa demonstra espanto, Doug aparenta uma suposta neutralidade e Casey

acha graça da sinceridade de Sam. Esse cenário nos faz pensar o impacto que as reações espontâneas dos autistas causam em seu círculo social, bem como as inseguranças que Elsa enfrentará a partir desse momento, temendo o que Sam poderá viver.

Na trajetória de Sam em direção à independência, é possível observar o quanto as mudanças impactam o núcleo familiar. Se, por um lado, o pai, Doug, deixou transparecer que durante a infância de Sam não soube lidar com o diagnóstico de seu filho, por outro lado temos uma mãe que se responsabilizou pela cansativa rotina com inúmeros rituais, para de manter o cotidiano de Sam suportável. Temos, além disso, a filha mais nova, que sofre com a ausência de pais que se sobrecarregam apenas com as questões de seu irmão. O diagnóstico de Sam influenciou diretamente a estrutura da família Gardner e, concomitantemente, a passagem de um filho superprotegido que fora isolado de muitas experiências e que agora deixa transparecer a passagem não somente da infância para a adolescência, mas principalmente da adolescência para a vida adulta. Sendo assim, é importante não renunciarmos ao fato de que não somente Sam passa por mudanças em sua vida, mas sim todos os personagens. Entretanto, suas fases e passagens são vivenciadas de modos diferentes, mas não necessariamente incorretos.

Posteriormente ao jantar, vemos um diálogo entre os pais de Sam na dispensa, onde Elsa demonstra preocupação ao desabafar para o marido: “O Sam vai começar a namorar. É uma novidade. Você se lembra disso? Os cartões de emoções de Sam? Quem fizer essa cara pode estar triste, então tente ser gentil” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1, 2017). Existem abordagens psicológicas que vêm ganhando espaço com o público autista devido suas inúmeras criações interventivas. Dentre elas, encontra-se a Análise Comportamental Aplicada (*Applied Behavior Analysis*), comumente conhecida como ABA.

A Análise Comportamental Aplicada é compreendida enquanto uma abordagem científica com programas interventivos, que buscam detectar, descrever e intervir nos comportamentos tidos como indesejados a fim de modificá-los, bem como realizar treinos para ensinar e/ou aperfeiçoar as rotinas que dizem respeito aos cuidados pessoais e interações sociais (CAMARGO; RISPOLI, 2013). Isso pelo fato de a ABA considerar que os comportamentos são aprendidos por meio da interação entre o indivíduo e a sociedade. Portanto, através dos estímulos ambientais, conhecidos como antecedentes, seria possível encontrar o que gerou determinada conduta no sujeito e, assim sendo, modificá-la, a fim de erradicar suas consequências negativas (CAMARGO; RISPOLI, 2013).

Dessarte, na cena em que Elsa mostra os cartões de emoções de Sam para Doug, podemos pensar que estes dizem respeito às diversas atividades que têm como intuito ensinar aos autistas o que são as emoções, como interpretá-las, como reproduzi-las e como os indivíduos reagem emocionalmente em cada situação (NUNES; AGUIAR, 2020). Nos últimos anos, tem-se avançado nas propostas interventivas da Análise Comportamental Aplicada. Hoje em dia não se conta somente com acompanhamentos terapêuticos a fim de ensinar e mediar as relações sociais, mas também com aplicativos que auxiliam os autistas a treinar, reproduzir e aprender sobre as emoções e comportamentos (NUNES; AGUIAR, 2020).

FIGURA 1: Elsa mostrando para Doug os cartões de emoções de Sam.



Fonte: Aplicativo da Netflix

Nota-se que, conforme Sam vai mostrando a sua determinação em namorar, Elsa manifesta suas preocupações. Em outra cena, Sam está com sua mãe no carro e Elsa inicia um diálogo:

Elsa: Então... garotas?

Sam: Onde?

Elsa: Não, eu quis dizer... Você quer mesmo isso? Digo, você quer namorar? Não tem medo de se machucar?

Sam: Não, a menos que eu namore com um tubarão branco. Eu entendi o que você disse. É sobre meus sentimentos, não é?

Elsa: Isso.

Sam: Falar com garotas me deixa um pouco nervoso, mas a Julia diz que é bom fazer o que nos assusta.

Elsa: Às vezes. O medo existe por uma razão biológica. Autopreservação, sabe? Se eu estiver em um beco escuro e começar a sentir medo, é meu corpo tentando me proteger de bandidos com facas.

Sam: Mãe, estou ficando mais velho e, em algum momento, eu queria muito... conseguir ver peitos. (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 3, 2017).

Podemos trazer dois debates para a cena. O primeiro diz respeito à espontaneidade de Sam em compartilhar seus pensamentos, sentimentos e vontades, pois, logo após dizer claramente que desejava ver peitos, sua mãe permaneceu em silêncio, sem saber como reagir a tamanha sinceridade. Podemos pensar que em momentos semelhantes, Sam também trouxe seus pensamentos e eles foram vistos como imorais e inadequados. O fato de Sam não reprimir suas falas tidas como *inadequadas* em determinadas ocasiões, possibilita que sua mãe ou qualquer outra pessoa próxima vejam-no como hipersexual, exatamente por não conter o que é esperado que seja socialmente contido: a sexualidade; ou, ao menos, que seja comentada de modo implícito, demandando um manejo com as palavras.

É importante ressaltar que a sexualidade não carrega em si um caráter exclusivamente repressivo, pois sejam os sujeitos neurotípicos ou neurodiversos, espera-se que a sexualidade seja comentada: somos incitados a falar sobre nossa sexualidade o tempo todo, a ficar atentos a como os fenômenos repercutem em nós. Entretanto, espera-se que falemos da sexualidade sem que ela seja diretamente abordada. Logo, os sujeitos que não compreendem essas regras sociais implícitas são vistos como “anormais”, “desajustados”, “desviantes”, entre outros, que buscam culpabilizar o outro pela não-adesão ou incompreensão das normas. Assim sendo, é importante ressaltarmos que enquanto o modelo médico discrimina aqueles que não seguem o que é socialmente esperado, o modelo social nos possibilita demonstrar o quanto a sociedade impõe aos sujeitos um modo de ser ao escancarar o olhar normativo que pode ser uma barreira social às diferenças.

O segundo ponto a ser ressaltado é a demasiada preocupação de Elsa com a independência de seu filho. O desejo de Sam namorar, assim como para todos os indivíduos, envolve entrega em aspectos sentimentais e, conseqüentemente, o risco de envolver-se em situações constrangedoras, dolorosas e conflitantes. Elsa pressupõe que Sam não conseguirá lidar com as situações que envolvem um relacionamento afetivo e,

frente a isso, tenta protegê-lo. Ainda que Sam tenha dificuldade em compreender como algumas regras sociais funcionam, é interessante pensarmos que mesmo aqueles que as entendem diretamente não estão isentos de sofrimentos, inclusive Elsa. A pergunta que Elsa faz a Sam sobre ele não ter medo de se machucar não diz respeito ao autismo, mas sim à condição humana. Independentemente de nossas características cognitivas e neurológicas, ao estarmos inseridos dentro de uma cultura, somos permeados por rituais desde a tenra infância, assim como estamos o tempo todo à volta de diversas possibilidades de vínculos afetivos.

As relações humanas são por si só conflituosas, pois elas são o reflexo das nossas diferenças. Não por acaso criamos alguns vínculos mais fortes e estabelecemos uma rede de apoio que nos auxilia nas dúvidas que iremos colher no decorrer do caminho. Sejamos neurotípicos ou neurodiversos, estamos suscetíveis a situações complicadas e que demandam de nós um autoconhecimento que está em eterno devir. Não há como pressupor que há uma receita que define os ingredientes exatos para uma relação saudável: seja a relação entre pais, mães e filhos(as), irmãos, irmãs, colegas, companheiros e companheiras, todas estão embebidas de desafios inerentes ao caráter inesperado e misterioso da vida.

As constantes narrativas de Sam nos mostram que diferentemente do que pensa o senso comum, os autistas não são alheios à sua volta. A introspecção ou o ensimesmamento apenas demonstram que eles lidam com a socialização de um jeito diferente. Obstinado a relacionar-se com alguém, Sam dedica-se a pesquisar sobre garotas em sites e no cotidiano escolar, observando o modo como as pessoas se conectam umas às outras (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 1). Em determinado momento, Sam encontra um vídeo na internet denominado “Como falar com vadias”, no qual um rapaz fornece dicas que giram em torno da ideia de virilidade e reforçam o estereótipo de que mulheres gostam de homens que não possuem traços tidos como delicados (Ibidem).

Por meio dessa cena, podemos problematizar o quanto as redes sociais também podem ser consideradas uma pedagogia cultural, principalmente se levarmos em conta o caráter proibicionista da sexualidade, fazendo com que os sujeitos se sintam envergonhados de perguntar e compartilhar suas dúvidas, com receio de que vire motivo de bullying ou repressão. Além disso, o conteúdo do vídeo corrobora com o imaginário social de que os homens possuem naturalmente uma virilidade e que esta acaba por ser um dos aspectos pelos quais as mulheres sentem-se atraídas. Por meio desse discurso

podemos notar os efeitos da masculinidade na gestão dos comportamentos e vínculos sociais, demarcando negativamente outros modos de vivenciá-la ao intensificar a valorização de sentimentos como medo, coragem, frieza como ideais.

Em uma de suas reflexões, Sam fala sobre a diferença existente entre as galinhas e os pinguins, comparando posteriormente a natureza humana e animal:

Na natureza, o galo seduz a galinha para o acasalamento abrindo suas asas e fazendo uma dança chamativa. Mas seduzir mulheres para acasalar ou apenas para namorar exige outras habilidades. Requer pesquisa. Não dá para simplesmente chamar a garota para sair. É preciso aprender coisas importantes sobre ela (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2, 2017).

Enquanto para os neurotípicos é comum reagir automaticamente aos rituais existentes na sociedade, compreendendo as regras implícitas às relações sociais, o modo como devemos nos comportar em relação ao outro, as mensagens subliminares existentes entre olhares e frases não ditas, assim como as falas com duplo sentido, para os autistas esses sinais passam despercebidos, devido sua objetividade e literalidade ao ver e entender as coisas. Portanto, o flerte, momento chave para a criação de laços afetivos e permeado por regras não ditas, é desafiador tanto para aqueles que possuem outra dinâmica, quanto para os neurotípico, que reagem com um estranhamento frente à sinceridade e questionamentos dos autistas.

Em uma das sessões de psicoterapia, Sam relata que assustou uma cliente em seu trabalho ao tentar flertar com ela. Julia pergunta como Sam procedeu e, após reproduzir sua atitude, Julia pontua que seu sorriso foi exagerado e que ele estava cruzando a linha tênue entre flertar e assustar. Frente a isso, Sam questiona de que modo ele poderia compreender esse limite e Julia explica que “quando fizer contato visual, tem que desviar o olhar”. Embora Julia tenha dito de modo figurado, Sam compreendeu a frase de modo literal e questionou: “mas como vou fazer contato visual e desviar o olhar?” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2).

FIGURA 2: Sam Gardner sorrindo na sessão de psicoterapia.

Fonte: <https://bityli.com/y7xmP>

Neste momento, podemos observar que Sam tornou visível algo que estava oculto e que reproduzimos automaticamente, sem ao menos questionar. Esse giro que Sam gera na interpretação mostra o quanto a sociedade acaba criando regras que não fazem sentido e que geram jogos de sedução contraditórios. Entretanto, para o modelo médico da deficiência, que compreende o sujeito enquanto fora da norma, o problema está nele e não na dinâmica social. Ainda que Sam tenha realizado o questionamento de modo casual, nesse momento ele desconstrói o mito de que a sexualidade é algo que ocorre de modo igual para todos nós, em caráter intrínseco. O fato de Sam não aderir às regras sociais não torna sua sexualidade anormal, mas sim demonstra o quanto a socialização é composta por rituais muitas vezes inquestionados.

Heteronormatividade e corponormatividade

Ainda explicitada enquanto regra, falas como ‘isso é coisa de menina’ e ‘isso é coisa de menino’ são orientações que perpassam processos de socialização e processos educativos. Não por acaso, Sam passa a observar as rotinas escolares para compreender como as pessoas se relacionam, anotando seus comportamentos, tirando suas dúvidas a fim de poder reproduzir fielmente o que é esperado. Assim como existe uma pedagogia da sexualidade que reitera a heteronormatividade, McRuer (2006) pontua a existência de uma cultura que deseja produzir corpos hábeis, capazes e aptos, sinalizando uma aproximação entre as categorias *queerness* (estranheza/esquisito) e deficiência.

Em determinado momento, Sam está na escola observando alguns colegas. Eis que visualiza Bailey Bennett beijando um rapaz e, em cena subsequente, ela aparece beijando outro. Simultaneamente, Sam começa a pensar que “na ciência, a evidência observável é crucial para as descobertas. Mas, para entender de verdade, é preciso questionar” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2). Nesse momento, Sam se aproxima da personagem: “Com licença, Bailey. (...) Ontem vi você beijando o Henry, e hoje você está beijando o Arlo, e queria saber como ele cortejou você. E, por favor, seja específica” (ATYPICAL, Temporada 1, Episódio 2).

Para além da reação espontânea de Sam, vista comumente como ‘inadequada’ devido sua demasiada sinceridade e a ‘falta’ de perspicácia para encontrar o momento ‘ideal’ para fazer determinados comentários, a cena traz uma reflexão sobre como a corporeidade e neurodiversidade de Sam é estigmatizada, pois os alunos reagem ao comentário de Sam dizendo que ele “não é normal”. Frente a isso, podemos trazer ao debate o termo *compulsory able-bodiedness*, criado por McRuer (2006), compreendido enquanto caráter compulsório da construção de corporeidades capazes e o quanto esse sistema acaba criando a ideia de deficiência, pois, na descrição de um modelo tido como ideal, constrói-se concomitantemente o Outro, o antimodelo, o anormal. É importante ressaltar que a *crip theory* (McRUER, 2006) é um diálogo que envolve todas as categorias socialmente construídas sobre deficiência, sejam elas físicas, sensoriais, cognitiva, psicossociais. A corponormatividade defende que os corpos, além de serem ‘completos’, têm um modo específico de comportamento, estabelecido culturalmente.

O relato de Joelle Smith (2020) acerca de sua experiência escolar nos faz pensar sobre o currículo oculto e como ele permeia a socialização das crianças por meio de atitudes, comportamentos, normas e valores que acabam por escolarizar os corpos. Relembrando sua infância, Smith (2020) cita o quanto o jardim de infância esperava que as crianças diversificassem os brinquedos. Entretanto, concomitantemente, ela sinaliza a existência de uma fixação nos autistas, que fazem com que eles prefiram brincar sempre com o mesmo objeto e, ainda que fosse indicado brincar com outros brinquedos, existia uma regra implícita: as meninas e os meninos tinham brinquedos específicos. Portanto, Joelle era vista como “o ‘garoto’ que quebrava as regras não escritas”⁵ (SMITH, 2020, s/p).

Citação original: “I was the “boy” who broke the unwritten rules”.

De acordo com Larrosa (1994), as práticas pedagógicas acabam por produzir, regular e transformar a experiência que os sujeitos têm de si, pois, para além do escopo de conhecimentos exteriores a serem aprendidos, as práticas pedagógicas estabelecem uma relação reflexiva no sujeito, de forma que ele consiga se (re)educar. Portanto, diferentemente do que se pensa da educação enquanto recurso que irá mediar o desenvolvimento do sujeito, a pedagogia por si só produz pessoas. Essa reflexão surgiu por meio da indagação de como as pessoas vivenciam e fabricam-se no interior de processos de subjetivação que envolvem instrumentos pedagógicos, terapêuticos e culturais, sendo denominados dispositivos pedagógicos por Larrosa (1994).

Será nestas redes: discursiva, de sociabilização, de práticas pedagógicas e terapêuticas que o sujeito irá constituir-se. Entretanto, antes que essa autorreflexão seja instituída, é necessário que o sujeito passe por uma ‘desfamiliarização’ de si (LARROSA, 1994, p. 41). Logo, este discurso de que há nos seres humanos um eu pré-estabelecido a ser constantemente vigiado e controlado advém de um discurso naturalizador e biologizante, que defende a supremacia do sujeito tido como modelo. Para Larrosa (1994) o modo pelo qual nos comportamos é construído de modo histórico e cultural, assim como a

Ideia do que é uma pessoa, ou um eu, ou um sujeito, é histórica e culturalmente contingente, embora a nós, nativos de uma determinada cultura e nela constituídos, nos pareça evidente e quase ‘natural’ esse modo tão ‘peculiar’ de entendermos a nós mesmos (LARROSA, 1994, p. 41-42).

A pedagogia tradicional prescreve um sujeito mediante teorias de desenvolvimento humano, descrevendo e normatizando as possíveis relações que o indivíduo pode ter consigo e com o exterior; através desse caminho a ser trilhado, o sujeito será constantemente (auto)vigiado, a fim de ser tido como desenvolvido ou não. Contudo, a mesma teoria que define o ideal de homens e mulheres também define o indesejado, aquilo que será considerado patológico. Dessarte, os ambientes terapêuticos e pedagógicos acabam por mediar não o conhecimento que o indivíduo pode obter de tópicos específicos, mas sim enquanto um local que servirá de mediação para que o sujeito se torne autoconsciente.

Portanto, sujeitos que vivenciam diferenças corporais e neurológicas de modo que difere da norma são vistos como corpos com deficiência. Além disso, McRuer (2006) argumenta que a compulsoriedade de corpos capazes está ligada ao sistema de

heterossexualidade compulsória. Ambas as categorias contam com a patologização, policiamento e a corporificação do estranho. Com isso, o *queer* frente aos sistemas compulsórios é visto da mesma forma que a homossexualidade, a transexualidade, as pessoas com deficiência e demais categorias fora da ideia de normalidade. Conclui-se que não somente o gênero pode ser visto enquanto fluído, mas a própria experiência corporal e o modo de criarmos vínculos sociais.

A afinidade que os estudos sobre deficiência possuem com os marcadores sociais da diferença como gênero, classe, raça, religião, idade, entre outros, possibilita grandes avanços nos estudos sobre deficiência, visto que tais campos de estudos vêm construindo cotidianamente novas ferramentas analíticas que possibilitam a desconstrução de discursos hegemônicos que declaram que as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência são inevitáveis e naturais. Assim sendo, “o modelo social, oferece uma crítica poderosa das estruturas sociais e ambientais normativas e as formas como funcionam, sistematicamente, para privilegiar certas formas de ser (ou seja, mover-se, pensar, sentir, se comportar)” (McGUIRE, 2016, p. 16)⁶.

Seja as narrativas dos autistas, seja a do discurso médico-científico, todas fazem parte de uma mesma teia, pois assim como os médicos estudam os teóricos, mães e pais leem livros escritos por autistas ou defensores da neurodiversidade, bem como consomem produtos culturais que falam sobre o autismo, com todos esses discursos interligados uns aos outros. É de suma importância e notável urgência que novas narrativas acerca do autismo sejam criadas, incluindo métodos de expansão, para que os autistas ocupem lugares onde possam contar suas próprias histórias, desconstruindo a hegemonia do discurso cultural ocidental. Para McGuire (2016), nos últimos tempos tem surgido uma narrativa a respeito do autismo que preza por outra perspectiva, abraçando o direito a diferença. De acordo com os autores:

O gênero da narrativa do autismo, para Hacking, não compreende "relatórios de especialistas de clínicos ou reflexões de teóricos", mas é composto de "histórias sobre pessoas com autismo, contadas pelas próprias pessoas, ou por suas famílias, ou por romancistas, ou por escritores de histórias para crianças Ian Hacking (2009b apud McGUIRE, 2016, p.12)⁷

⁶ Citação original: “The social model thus offers a powerful critique of normative social and environmental structures and the ways they work, systematically, to privilege certain ways of being (i.e., moving, thinking, feeling, behaving, sensing) over and against others.”

⁷ Citação original: “The genre of autism narrative, for Hacking, does not comprise “expert reports by clinicians or reflections by theorists,” but is rather made up of “stories about people with autism, told by the people themselves, or their families, or by novelists, or by writers of stories for children.”

Em um de seus trabalhos, Melanie Yergeau denomina as narrativas acerca do autismo de *autiebiography*, retratando em seu debate que muitos dos acadêmicos conhecidos por trabalhar com autistas acabam por deslegitimar as narrativas dos autistas, alegando que suas falas demonstram suas patologias ou faltas. Ou seja, além de não ocorrer um espaço para que os autistas falem sobre si, quando isso acontece, ainda é subvertido de modo negativo (McGUIRE, 2016). Para teóricos reconhecidos no debate sobre autismo, como Uta Frith e Francesca Happé, as autobiografias autistas são “nada mais do que um sintoma de deficiência social, evidência de uma espécie de narcisismo autista patológico” (McGUIRE, 2016, p.13)⁸. Frente a isso, “como as narrativas autistas são naturalizadas como nada mais do que sintomáticas de uma patologia subjacente, elas são politicamente neutralizadas e, em última análise, descartadas” (Ibidem)⁹.

Embora tenha categoria ficcional, a série compartilha com os(as) telespectadores(as) os pensamentos que Sam tem conforme os vivencia, trazendo para nós não somente o que sua família e colegas interpretam de suas ações, mas a visão que ele vai constituindo sobre si mesmo, bem como o avanço da externalização de suas vontades. À medida que vai conquistando sua autonomia, Sam passa a posicionar-se e narrar o seu ponto de vista. Além disso, percebe-se que as produções cinematográficas vêm adotando discursos que dão visibilidade a grupos sociais marginalizados, abandonando um viés médico e patológico e salientando o quanto as diferenças fazem parte da condição humana. Não somente os autistas podem se sentir representados perante as cenas, como seus pais, mães, professores e professoras, profissionais da saúde e da educação.

Considerações finais

O início da série revela, em uma pequena fala, o impacto da percepção social sobre o autista em sua constituição como sujeito. Quando Sam se nomeia, logo no primeiro episódio, como esquisito, demonstra seu pensamento de que ser autista impacta sua sociabilidade, com efeitos no estabelecimento de vínculos amorosos. Tal pensamento advém dos discursos que permeiam os espaços escolares, familiares e sociais: como o pensamento de que indivíduos autistas não se relacionam normalmente,

⁸ Citação original: “Autistic autobiographies are nothing other than a symptom of social impairment, evidence of a kind of pathological autistic narcissism.”

⁹ Citação original: “As autistic narratives are naturalized as nothing other than symptomatic of an underlying pathology, they are politically neutralized and, ultimately, rendered dismissible”.

tendo como pressuposto um modelo de sujeito tido como normal, em relação à sua conduta, a aspectos cognitivos e neurológicos.

Portanto, através de uma abordagem que abraça as diferenças, a série nos mostra em seus detalhes cotidianos o quanto a sociedade é capacitista e intolerante às diferenças, deixando subentendido que a singularidade de Sam não vai ao encontro do ideal, sendo, assim, estranha. Diante disso, Sam passa a incorporar a percepção que a sociedade tem dele, começando a se autovigiar e educar-se para ficar o mais próximo possível do que é socialmente desejado, distanciando-se cada vez mais de sua singularidade. As dificuldades que Sam tinha em compreender as regras sociais implícitas e contraditórias, bem como sua demasiada sinceridade e sensibilidade sensorial não devem ser vistas como questões individuais, mas sim sociais. O modelo social da deficiência possibilita refletir sobre a repercussão da sociedade na vida do sujeito, colocando-a como ativamente responsável pelas desigualdades e opressões, e, desse modo, desculpabilizando e despatologizando as singularidades.

Deslocar categorias como autismo e deficiência do campo médico e trazê-las para os debates políticos, teóricos e sociais possibilitou a discussão acerca do impacto da cultura nos corpos, retirando o discurso essencialista que naturalizava as diferenças e as pressupunha inevitáveis. Afinal, foi possível observar que independentemente do sujeito ser autista ou não, a constituição de si e da sexualidade é um processo que está em constante mudança, por ser algo relacional e não biologicamente destinado. Sendo assim, a série possibilita a quebra de estereótipos relacionados ao autismo, como por exemplo, de que Sam é alheio à sua volta, de que não possui o desejo de relacionar-se com alguém, de que não tem sentimentos ou de que seria incapaz de conquistar sua autonomia.

Podemos observar também as mudanças dentro da dinâmica familiar desde o diagnóstico de Sam e o quanto os próprios familiares muitas vezes acabam interditando suas experiências afetivas-sexuais devido à desconfiança das capacidades que o autista pode construir: por exemplo, a pressuposição de Elsa de que Sam não saberia lidar com seus sentimentos e, portanto, seria incapaz de constituir um relacionamento. Entretanto, com os avanços do personagem, vamos percebendo a construção de uma relação de confiança entre Sam e Doug, bem como a reconstrução da personagem Elsa, que passa de uma mãe superprotetora e que vive em função do filho para uma mãe que passa a ter mais tempo para dedicar-se a si mesma.

Nos últimos anos, diversas séries que abordam o autismo têm sido produzidas, como *Atypical*, *The Good Doctor* (produzida pela ABC), *Amor no Espectro* (produzida pela ABC), além de filmes e personagens que interpretam personagens diagnosticados. Podemos considerar esse um reflexo do dispositivo da sexualidade que incita o debate através de técnicas que buscam obter cada vez mais informações sobre os modos pelos quais os corpos produzem e consomem as sensações, os prazeres e os sentimentos. O dispositivo da sexualidade penetra os corpos a fim de obter dados cada vez mais detalhados sobre as infinitas maneiras de se viver a sexualidade.

Entretanto, essas narrativas nos mostram o quanto a sexualidade dos autistas está permeada de discursos ocasionados pela psiquiatrização da neurodiversidade, ao alegar que os outros modos de ser são desviantes, errados e anormais, como, por exemplo, o estranhamento que Sam causa em Elsa no momento em que comenta seu desejo de ver seios. Dessarte, a repetição discursiva permeia focos locais como a pedagogia, psiquiatria, relações interpessoais e familiares, servindo de base para estratégias globais que acabam por descrever a sexualidade dos autistas como atípica. Afinal, o discurso hegemônico que defende normativas é perpassado de marcadores sociais da diferença, como capacidade, raça, classe, gênero, religião etc, influenciando diretamente a relação do sujeito com o corpo social e a compreensão que o sujeito possui de si. Portanto, se anteriormente a sexualidade dos autistas era mantida sob determinada distância, nos últimos anos ela vem sendo debatida, demandando novas ferramentas teórico-metodológicas, além de modificações no modo como a sociedade compreende e vê o outro e de como o sujeito vê a sociedade.

A priori, o processo de escolarização dos corpos, no qual o sujeito será constantemente chamado a performar a feminilidade ou masculinidade, possui um caráter essencialista, uma identidade pré-determinada e que, portanto, exige que regras sejam seguidas. Contudo, concomitantemente, a não reiteração dessas regras demonstra que há possibilidades de vivenciarmos o nosso corpo de outros modos, subvertendo as normas. Não somente a sexualidade de Sam existe, como também, a seu modo, ele compartilha a interpretação de tudo o que está em sua volta e mostra-nos a repercussão e o alcance que as pedagogias da sexualidade têm em suas experiências. A alteridade do sujeito só aparece de modo relacional em relação aos outros. Assim, o modo de ser dos autistas só é visto como atípico quando difere do modo de ser neurotípico.

Consideramos aqui o poder exclusivamente discursivo, a partir do qual aquilo que existe é criado no momento em que se enuncia. Como diria Foucault: o poder fala e

faz-se a regra. Além disso, o poder só ocorre como efeito de obediência ao enunciado discursivo-jurídico. Conclui-se que a neurodiversidade tem se mostrado um importante foco de resistência ao defender o direito à diferença, ao subverter e criar novas narrativas. Nota-se que, enquanto para alguns a conduta dos autistas é compreendida como desobediência às regras sociais, para outros ela pode ser vista enquanto resistência a uma biopolítica que marginaliza alguns corpos em defesa de outros tipos como desejáveis.

Podemos considerar a perspectiva foucaultiana de experiência de si como a possibilidade de construirmo-nos conforme nos observamos, deciframos, interpretamos e julgamos. A experiência de si coloca em evidência a singularidade e historicidade do sujeito, como algo que está em constante construção de acordo com as adversidades do meio, desconstruindo o entendimento de uma realidade pré-estabelecida a ser seguida. Na direção contrária de uma pedagogia que busca normatizar os corpos ou corrigi-los, a experiência de si possibilita a criação de uma pedagogia de si.

Afinal, não podemos nos esquecer de que por muito tempo a sociedade foi explicitamente segregacionista e que os mecanismos de poder têm como foco a vida do homem enquanto qualidade de corpo vivo e espécie. Portanto, seus procedimentos normativos e técnicos de controle invisibilizam determinadas diferenças propositalmente, reproduzindo valores eugenistas e higienistas que utilizam da patologia para *fazer viver* o homem branco, europeu, capacitado, produtivo e cristão, enquanto *deixa morrer* corpos considerados desviantes.

Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200014&script=sci_arttext. Acesso em: 26 abr. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al*, 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTONUCCI, Roberto. Sexualidade dos portadores de transtornos invasivos de desenvolvimento. In: CAMARGOS JR, Walter (org.). **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio**. 2. ed. Brasília: CORDE, 2005. v. 2, p. 93-99. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/Transtornos-Invasivos-do-Desenvolvimento-3%C2%BA-Mil%C3%AAnio-Walter-Camargos-Junior.pdf#page=95>. Acesso em: 9 abr. 2020.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 1). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 2). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

ATYPICAL (Temporada 1, ep. 3). Direção: Seth Gordon. Produção: Jennifer Jason Leigh. Roteirista: Robia Rashid, Califórnia: Netflix, 2017.

CAMARGO JR, Kenneth. Prefácio à edição brasileira. *In*: RIOS, Clarice; FEIN, Elizabeth (org.). **Autismo em tradução**: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista. Tradução: João Sette Camara, Maria Rosa Pereira. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019.

CAMARGO, Siglia Pimentel Höher. RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 639-650, set/dez. 2013.

CAPELAS, Bruno. **Netflix chega a 158 milhões de assinantes e ações sobem 7%**. São Paulo: Estadão, 19 out. 2019. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,netflix-chega-a-158-milhoes-de-assinantes-e-acoes-sobem-7,70003052448>. Acesso em: 6 fev. 2021.

DE TILIO, Rafael. Transtorno do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, n. 7, v. 1, p. 36-58, 2017.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, v. 2, p. 217-250, 1943.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. *In*: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação – estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019. p. 9-42.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 5ª ed. 4ª impressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e deficiência**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MCRUER, Robert. **Crip theory**: cultural signs of queerness and disability. New York: New York University Press, 2006.

MELLO, Anahi Guedes de. “Ou todo mundo é louco ou ninguém é!”: refletindo sobre possibilidades de articulação entre deficiência e loucura. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 44, 2014.

MELLO, Anahí Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 635-655, Dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>.

MCGUIRE, Anne. **War on autism: on the cultural logic of normative violence**. United States of America: University of Michigan Press, 2016.

NETFLIX (Los Gatos, California, EUA). **A história da Netflix**. Los Gatos, Califórnia, Estados Unidos, 2020. Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br. Acesso em: 13 maio 2021.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477-509, Out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008>.

NUNES, Gustavo Maciel; AGUIAR, Yuska Paola Costa. Emotismo: um aplicativo para auxiliar crianças no espectro autista a reconhecer e reproduzir emoções. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO*, 31., 2020, Online. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. p. 692-701. DOI: <https://doi.org/10.5753/cbie.sbie.2020.692>.

PENAFRIA, Manuella. Análise de filmes -conceitos e metodologia(s). *In: VI Congresso Sopcom*. 2009.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 dez 2020.

SILVA, Kelly Cristina Brandão da. **Educação Inclusiva: Para todos ou para cada um? Alguns paradoxos (in)convenientes**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016. 320 p. ISBN 978-85-7137-376-1.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 156 p.

SMITH, Joelle. My Body. *In: SPARROW, Maxfield (coord.). Spectrums: Autistic Transgender People in Their Own Words*. Jessica Kingsley Publishers, 2020.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Investindo no potencial das pedagogias culturais. *In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

TREVISAN, Anderson Ricardo. Imagem, sociedade e conhecimento: da história cultural à sociologia da arte. **Leitura: teoria e prática**, v. 37, n. 77, p. 113-128, 2019.

VIEIRA, Ana Carla; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Síndrome de Asperger na adolescência e educação sexual: análise do relato de um pai. **Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem**, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

Recebido em maio de 2021.

Aprovado em junho de 2021.